

**8 PÁGINAS**

**QUINTA-FEIRA**  
13 de Maio - 1926

**8 TOSTÕES**

sempre

1

# o diário

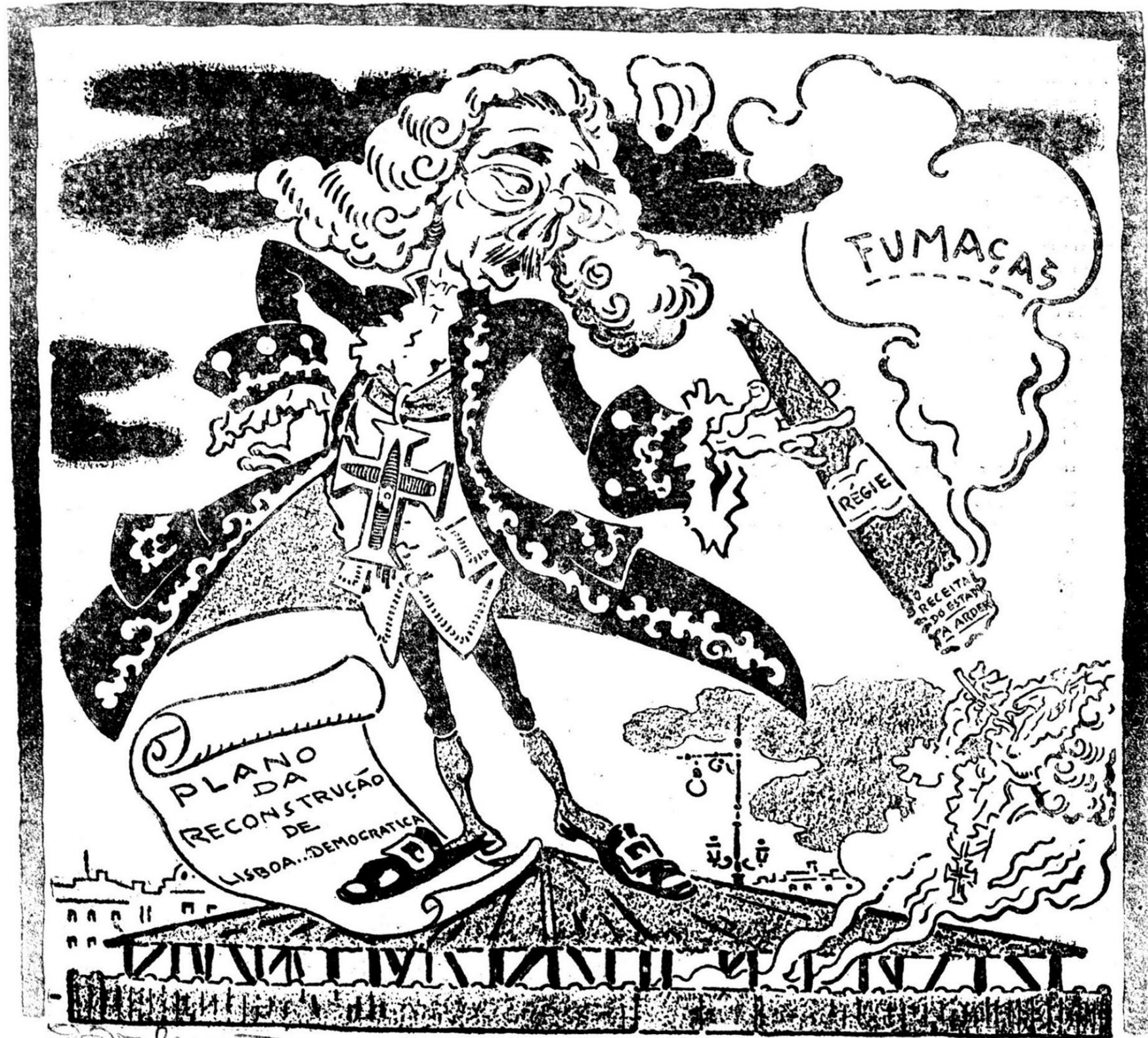
semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
LISBOA  
RUA DA ROSA, 57

## Isto é que é subir, Marquez!



«Não "avinces", "Sabastião"! O Marquez sou eu, a "Régie" é minha, o monumento é meu. Toma lume e estás com sorte.



# NA PRESENÇA do publico ilustrado...



Ha uma coisa que a gente pode garantir: e que este semanario é para ser lido hoje e para ser lido sempre. Por isso ele se chama *Sempre fixe*.

Já ninguém lê o *Noticias*, o *Correio Illustrado*, o *Seculo*, antigos. Nem se lêem nem se arquivam. São coisas muito sizudas. Mas uma coleção da *Parada*, que o Deus da graça e da inspiração guarde para todo o eterno, arrecada-se, e—como azeite—é ouro.

*Sempre fixe* é um jornal que não tem pretensões a fazer rir a humanidade, assim como um drama. Nada de fazer levar as mãos ás ilhargas. Apenas bom humor, boa disposição, não agredir ninguém, não melindrar ninguém—e quando succeder, pedese logo de culpa—, critica inofensiva desejos de ser muito engraçado (e a boa intenção é tudo) — eis o nosso modesto objectivo.



«Quem não fór capaz de ser pobre não é capaz de ser livre», dizia o velho, o decrepito Hugo. Quem não fór capaz de ser alegre não é capaz de ser feliz—dizemos nós.

E não ha cousa mais grave e séria desta vida que não dê o flanco ao bom humor. Menos um enterro. E por muito que o queiram os optimistas da nacionalidade, isto não é ainda um prestito funebre. Não é, nem será.

Os senhores sabem a historia do

hemem que no dia 6 de Janeiro ia para uma festa, muito bem enfarpeado do fraque, e chapéu de côco, com um bolo rei, proprio do dia de Reis, quando foi prevenido de que morrera o seu vizinho Malaquias?

Não sabem. Pois foi ao enterro em vez de ir para a festa. E fez conduzir, á laia da corôa, na ponta dos dedos, o bolo rei. Mesmo que amanhã, sob o ponto de vista politico e social—casos pessoais á parte—haja um acontecimento que esteja a cheirar a defuntos, nós iremos, de bolo rei.

Rir, fazer sorrir, ter pelo menos a intenção de estar bem humorado—é o proposito deste semanario.

Uma boa piada desconcerta o ambiente mais pezado. Por exemplo: ha dias, nos Deputados, o sr. Ramada Curto, declarando ao sr. Cunha Leal, que é beirão, que o seu sutaque, dêle Ramada Curto, era do Cartaxo, logrou dispôr bem o adversario, fazer rir a Camara, dar á opposição tempo para pensar se valia ou não a pena partir mais carteiras—e salvar uma crise politica.

E isto só com uma piada do Cartaxo.

Deixemo-nos de enterros. A politica tem muita graça, o teatro está enraçadissimo, as artes e as letras valem um tesouro de Democrito, as cousas do sport e dos touros, do mundanismo e da vida social, são de fazer chorar as pedras.

Ah! Nós bem sabemos que isto está mesmo uma desgraça! Mas, com franqueza franca, se procurarem bem sempre hão de encontrar alguma face simpatica, no meio dessa desgraça toda.

*Sempre fixe* pretende resistir á tristeza contemperanea. Fazendo rir? Se não puder ser, ao menos evitando as carpideiras com que todos andam apostados em denegrir a nossa querida existencia social.

A Rua vale um tesouro. Aqui não ha filosofia. A Rua é que sabe estar «sempre fixe». A Cidade é «gavroche». As cousas sérias têm o seu lugar; está bem. Não lho tiramos. Esteja sério quem quizer, mas sorria quem não tenha ainda a seriedade perdida de todo.

Uma velhinha que nós conhecemos, e que por acaso era nossa Avó, sabia emprestar ás cousas mais sérias

da sua vida, que foi a de uma geração já multiplicada como a dos pombo dos pombois familiares, o melhor sorriso, e até a melhor gargalhada de um seculo inteiro de românticos piegas. E a nossa Avó era de 1830.

Vamos ao caso: homens de genio, homens de talento, homens de circunspeção; acontecimentos graves, acontecimentos serios, acontecimentos terríveis—ah! ah! ah! deixemo-nos rir!—tudo isso está a pedir uma injeção de bom humor.

Tola a vida portuguesa gira á roda de um «Diario do Governo», da primeira, segunda e terceira serie.



Vamos a traduzir este «Diario do Governo» para português, um português que se entenda—e que dispense o dicionario dos modernos palavrões defectistas. Que nos assistam os manes de Rafael Bordalo e de João Raimoso.

E se fór pedir muito, que nos valha, ao meias a graça popular, colhida um pouco em toda a parte, e desenfado com que o povo das ruas, no manancial da sua chalaca, sabe não tomar a sério a seriedade convencida dos que o pretendem levar, como ás erianças, com caras feias.

Nunca foi tanto preciso rir e sorrir. Não por descrença, mas por confiança.

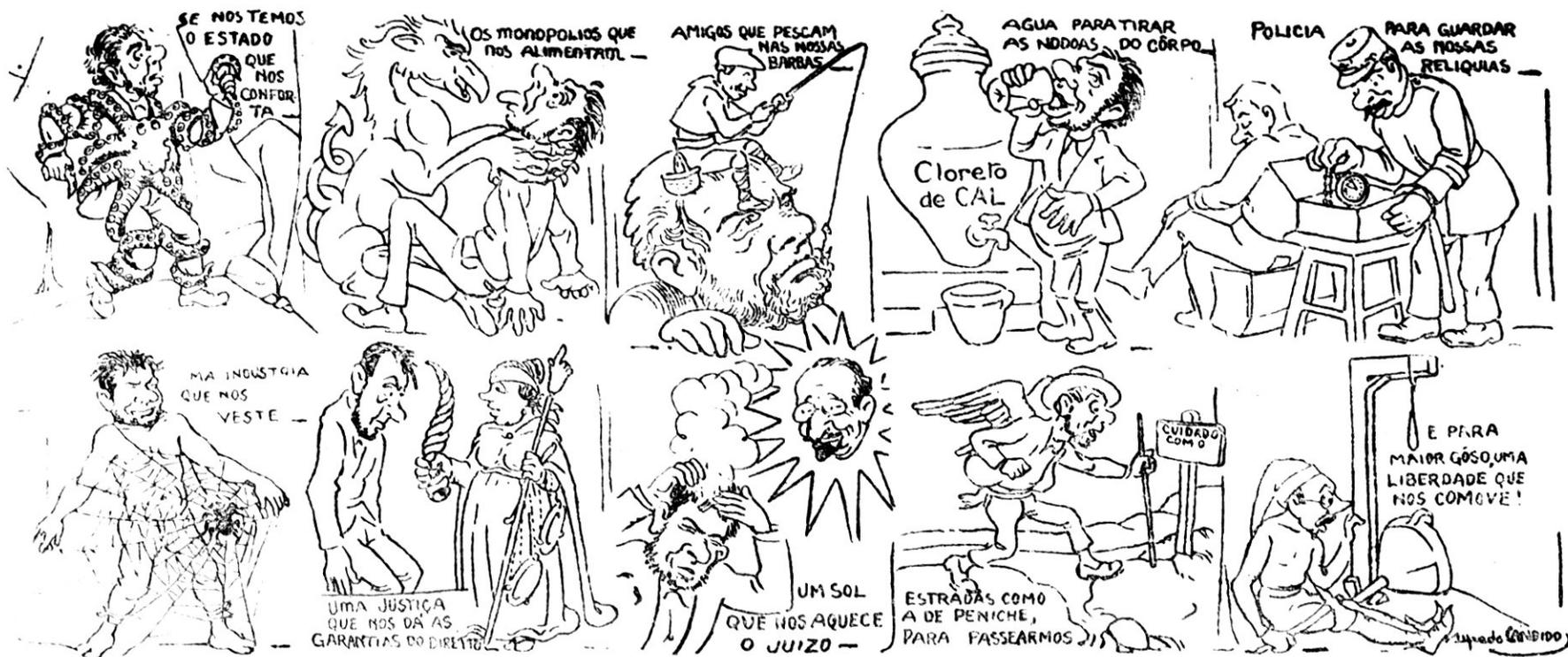
Assim—*Sempre fixe*.



Lêr na 6.<sup>a</sup> pagina

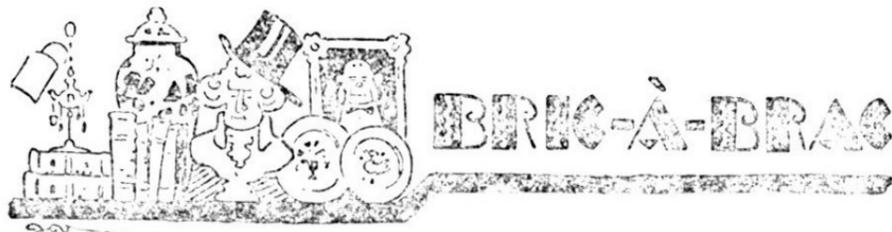
O primeiro concurso do **sempre fixe**

## Que mais queremos nós?... por Alfredo Candido



**OS**  
mortos não mandam  
mesmo nada!

Cuspo e gelto --- Uma impressão



**DO**  
Guizado e da classe  
das "declassés,"

Repete-se a Guizado---Cinzas

**POR**  
**JOÃO FERNANDES**

Com um rapido olhar passo em conjunto  
Os varios casos da semana linda,  
P'ra ver se desenterro algum assunto,  
Como um coveiro exhuma a um defunto  
Que uma autopsia final requeira ainda:  
E aos termos de coveiro e exhumação,  
Ante o meu triste olhar apavorado  
Desfilam, numa lenta procissão,  
Os cadaveres que se erguem do caixão  
A' voz sinistra do dr. Guizado...  
Guizado sobe ao céu, desce ao inferno,  
Inilige aos mortos tratos de polé,  
E os que dormiam já o sono eterno,  
Rodeados do conforto mais moderno,  
Passam agora a repousar de pé.  
Guizado quer os mortos verticais,  
E de pé toda a gente que morrer!  
Que lhe agradeçam as "horizontais,"  
Visto que são as unicas mortais  
Que, para repousar... têm de se erguer!

P'ra que a estatua de Pombal  
Seja um facto dentro em pouco,  
Inilige a Portugal  
Outra estampilha postal  
P'ra custeio do cabouco.  
Diz que áquilo se tem feito  
Josuifica opposição,  
Mas diz que com cuspo e gelto  
Aquilo ha-de ir a efeito,  
Quer eles queiram quer não.  
E esta nação larroupilha  
Que dispensa a obra prima  
De tão grande maravilha,  
Vai cuspendo na estampilha  
E dá-lhe murros em cima.  
Nada, por ora, garante  
Que o maçonico desejo  
Vá em breve por diante:  
Cuspo, já tem o bastante;  
Lá gelto é que eu lhe não vejo...

Guizado, que tambem no Parlamento  
Jorra o caudal da verborrheia quente,  
E na Camara agora tem assento,  
Como se fosse a Camara em S. Bento  
P'rihi uma qualquer Camara ardente;  
Esse lirico edil, que, num canhão,  
Guida de mortos, e de flores, e plantas,  
E pelos cemiterios faz caninhão,  
Tal como debutou o Julio Dantas,  
Que depois nos saiu um videlrinho;  
Guizado, que é sinistro, mas que é esperto,  
Para não dar jámais parte de treco,  
Por razões com que ainda não acerto,  
Tem-se dado a seguir muito de perto  
A questão momentosa do tabaco.  
Só se ele ali encontra o calafrio  
Duma intensa e perigosa sensação,  
E a volupia do tragico arrepio  
Do prazer tão perverso e doentio,  
De remechar em "cinza,"... e podridão!

O que me produziu mais impressão  
Nessa corrida a que outro dia fui,  
Deu-m'a a ternura quente d'emoção  
Que pôs a entusiasmada multidão  
Nas ovações que dispensou ao Ruy.  
Sei que tourela como mais ninguém,  
E é hoje entre os primeiros o primeiro;  
Mas parte da ovação deve a, porém,  
A uma estranha razão que nada tem  
Co'o saber e a bravura do toureiro.  
Quando ele hipnotizou a toda a praça  
Nas arriscadas sortes, como as cusa,  
Co'uma tão facil e singela graça,  
Nós, por questões atavicas de raça,  
Ficámos recordando qualquer coisa...  
E, aplaudindo o garbo com que monta,  
E o seu toureio calmo e calculado,  
Em nossas almas como que desponia,  
E sem que a gente chegue a dar-se conta,  
Uma grande saudade do passado...

**A MORTE EM PE**



O verdadeiro dos cemitérios proprios...  
... e nada custa substituir agora o  
Descance em paz  
Descance em pés  
A ideia, repetimos, é boa, mas se  
S. Ex.ª nos permite, aléitramo-lhe  
entre alguns malher. Em lugar de  
mortos em pé, mortos sentados. E  
economia de terreno duplicaria, pois  
que, no mesmo espaço em que o sr.  
Guizado coleta um morto, poderia  
dois, seguindo o nosso projecto.

**A festa da Flor**



- Quer uma flor, cavalheiro?  
- Não sendo de tabaco de "Régie", venha ela.

**UM DILEMA...**



- Descencia tem de escolher,  
ou leva uma cacafada ou morre  
debaixo do "tachi"...



LAGE — o dramaturgo-lobo — voltou ao trabalho depois de ter tido tempo de se arrepender...

Voltou e voltou-bem...

Faz um papel de gatuno e depois o de S. João Baptista.

Baptista, porém, se ele é de Braga e tem aquele aspecto tão pronunciado...

S. João de Braga é que devia ser...

Se Ozer Wille o tivesse ouvido e o tivesse visto naquela nudez...



ERICO Braga anda estudando, todas as noites, afinadamente, o papel de «Gaspard» dos «Sinos de Cortadellas». Será mais uma criação que honrará na vida artística daquela empregarão, velho de alcauba e novo de idade... e tão novo que até vai inscrever-se este ano no campeonato de ciclismo... mas nos chamados «juventudes»...



NOVO atarismo que o publico já usa...

Se um actor ensaia com uma actriz, temos nota compunhia teatral em perspectiva...



O ACTOR Rafael Marques anda há meses com a mania de comer sempre no almoço uma omelette «aux fins de l'Herminette»...



HA NOMES que dizem tudo...

O novo S. Carlos de tão velhas tradições, depois de tantas doenças e

de tantos remedios ter ingerido, foi parar moribundo, a uma cora... a um estado... Mas o teatro é grande, tão grande que um cora não chegou... foi necessario um cora para o enterrar... E' a eterna mania de enterrar tudo que houve de bom em Portugal!



CAUPERS — o Guilherme — artista que principiou na «Vinha do Senhor», foi parar ao Foz... Dizem até que vai continuar na vinha do senhor Emauz...



MANZELLE Oliveira e Auzenda Nitouche identificaram-se no palco do S. Luiz... Aplausos, festas, flores... Até aqui tudo estava bem... Mas... num camarote alguém tinha vontade de dizer:

—Hei de fazer melhor, apesar de tudo...

E sentia já aquelas palmas; aquele triunfo.

Até onde vai a vaidade feminina!



O TEATRO Nacional!...

Pobre dele!

Ha quem o compare ao «Cautelkero Fardado»...

Porquê?... Per causa do pregão:

«Hoje anda a roda!... Quem mo acaba o resto!»

E está a acabar, o desgraçado!... Até já ali os «papillons» são bons rapazes...



NO INCIDENTE levantado entre a imprensa e os teatros, houve um empresario que gritou contra as gazetas, asserverando que a publi-

cidade de nada servia e que os jornais eram... zero.

Antes sustentar... um burro a «pão de ló»...



A ACTRIZ Maria Pia visitou há dias o Pantheon...



AMELIA Rey Colaço, dizem, vai interpretar na proxima epoca de inverno, a peça «Mona Vanna», de Maeterlink.

Amelia Rey, como lhe chamou em tempos Norberto de Araujo, fará o papel de «Mona», desempenhando Robles Monteiro o de «Vanna... m'io legno».



FUGIU o Dario!

E' o grito que se ouviu, a todos os momentos, no nosso primeiro teatro.

Para onde foi? Onde estará? Todos procuram e ninguém o encontra... E' o Pinto para um lado e a Pia para o outro...



A ACTRIZ Ester Leão, tão reconhecida ficou ao seu medico assistente, que a tem tratado carinhosamente, que lá partiu com ele para Paris... Simples viagem de reconhecimento...



COM es fauteuils a 8\$00 e com o verão á porta, o teatro da Trindado passará a chamar-se: o taxi-palhina dos teatros de Lisboa...

### O Homem das 5 horas



(Caricatura de Amarelhe)

Saibam Vozelências que eu sou a illustissima e excellentissima Senhora Dona Palmira, e que faço, apesar de todo aquele «rosario» de amarguras, e minha festa de homenagem que os outros me oferecem, na noite de amanhã, apesar da Alice Pancada minha antiga colega no tempo da «valsa», tambem fazer o seu «beneficio»...

Com a ves e apanção na Terra, creto en estas epistolas da lua, ha sempre para elas estar guardado o penho das «lettres de Malabar» e «lettres de S. João Baptista». Que des «lettres de Malabar» se apanham as «lettres de S. João Baptista» é ponto assento e compunhia teatral em perspectiva...



Entrando no assunto desta carta, diz-se que a «Sempre fixe», que se vai a elaborar uma tese intitulada «Influencia da lua no desenvolvimento dos melões, pepinos, abacates, maçãs e outros frutos do jardim». Ora, ha dias, estando a redigir a «Sempre fixe», tive a honra de receber a visita de um amigo que me trouxe a noticia de que a «Sempre fixe» havia lançado o «povo soberano»...

Entrando no assunto desta carta, diz-se que a «Sempre fixe», que se vai a elaborar uma tese intitulada «Influencia da lua no desenvolvimento dos melões, pepinos, abacates, maçãs e outros frutos do jardim». Ora, ha dias, estando a redigir a «Sempre fixe», tive a honra de receber a visita de um amigo que me trouxe a noticia de que a «Sempre fixe» havia lançado o «povo soberano»...



### por um «lunatico», de lunetas

O tabaco, a «erva santa», tem sido sempre o diabo na sua terra. Vem dos tempos do Conde de Parrobo aos do Conde de Burnay. O fumo por mais de uma vez deu no goto aos governos do antigo regime. E' a eterna lenda renascendo das cinzas... de um charuto.

Chegado o terminus do monopolio, como o tabaco é bem combustivel, eis o fogo das paixões... politicas a fazer «mas... fumaça e labaredas». E' o fumo temouse um cachimbo furto, goto, de tabaco forte. E conjo o uso do cachimbo faz a boca torta, do tanto se tem querido, fazer direito, Apuraram-se os cantos das «Serenas», berram-se, quebram-se as car-

tas... de «Santos» e assados, assados, ferinos, mostram-se as dentuças como «onças» de «Javão». Fazem... de colera, dizem-se as ultimas e ás vezes chega a parecer que a «desordem» do dia acaba em tabaco... de «pão». Os democraticos que sobem pela direita são pela «Regio», os democraticos que sobem pela esquerda e as outras oposições republicanas pela «Liberdade» do fabrico e os monarchicos, ficis aos principios... dos seus fins, pelo Monopolio...

Compreendo muito bem nesta questão o papel... Ramses do sr. Antonio Maria da Silva, o papel... Maria do sr. José Domingues dos Santos, o papel Zig-Zag do sr. Cunha

Leal, o papel... Iguirita do sr. Ginstal Machado, o papel... Alcatraz do sr. Ramada Curto, o papel... La + do sr. Lino Neto, o papel... Rei de Ouro do sr. Pinheiro Torres e, finalmente, compreendo o papel... Le 75 do sr. major Alvaro de Castro, o qual será nesta confusão de apanhar o poder como se apanha a ponta de um charuto...

Agora o que não compreendo é o papel do Povo Soberano neste caso. Ele vai para as galerias e dá vivas á «Regio», entoando a «Portuguesa»; ele entra nos «Passos Perdidos» e dá vivas á «Liberdade do fabrico», cantando a «Internacional». E tanto em baixo como em cima dando vivas á «Christina», por um pouco que não apanha... para o seu tabaco.



Entretanto, os revendedores, espalhando manifestos e apresentando reclamações, tratam de pedir mais lucros na venda.

Ele, o «Povo Soberano», consumidor e pagante, entregando-se ao vicio é horrório, não pede, não reclama para que o tabaco seja mais barato.

Ora, meu caro Sempre fixe, não lhe parece que o «Povo Soberano», na sua qualidade de «colado», tenha nesta questão o papel... de «emburalhado»?

O Chefe da T. S. F.  
**C. S.**



**Galarim**  
**Daniel na Cova dos Leões**

lá os sátrapes exultam! Daniel  
Vai ser lançado à cova dos leões.  
E as feras, sanguinárias multidões,  
Numa sanha cruel  
Que já ninguém domina nem governa,  
Ululam junto à porta da caverna.

Lá dentro uivam as feras, com umadas  
A carne morna e fresca dos festins  
Com que são tanta vez alimentadas.

De subi'o serenam-se os motins!

Eis Daniel que avança e sobe a escada  
Que ascende à estreita e negregada entrada  
Da cova dos leões.

Naquela multidão alucinada  
Quasi param de d'ôr os corações!

—Pede o que queiras, dizem-lhe, anda, fala,  
Que a vontade que tenhas por final  
Poderás sem demora executá-la.

Hesita Daniel, mas clama:—Sal,  
Apenas sal e nada mais por ora.

E Daniel, saltando-se por fora,  
As mãos cheias e língere  
Saltando-se por dentro,  
E saltado penetra na caverna.

Livam as feras pavidas de espanto,  
Emquanto Daniel traçando a perna  
Vai assentar-se e um canito.

E a fero mestra, erguendo o rebo ao ar,  
No gesto bem lançado  
De quem vai discursar,  
A rouca voz levanta para dizer:

—Haja a fome que houver,  
E por mais que apeça o bom bocado,  
Ninguém aqui tem ordem p'ra comer  
O Daniel saltado.

E uivam todos a um tempo:—Fóra! Fóra!  
Só queremos carne fresca.—Vai-te embora!

E Daniel, erguendo a Augusta fronte,  
Põe o chapéu e sai aos encontrões,  
Emquanto em coro cantam os leões  
A «Maria da Fonte».

Trazem-lhe sal de larga esteira ao centro

**João Formiga.**

**O primeiro Concurso Literário**

*sempre fixe!* é um semanário especialmente feito para pessoas inteligentes. Ao ser convidado para organizar um concurso dentro das suas colunas, não podia, portanto, limitar-me a pedir aos seus leitores que recortassem uma gravura ou adivinhassem a cor do cavalo branco de Napoleão. Este concurso e os seguintes—e nos dermos bem com o primeiro—dirigim-se à imaginação, uma das mais belas faculdades da inteligência e do espírito, uma das suas mais brilhantes facetas, como se diz em estilo fino. Os concorrentes deverão, portanto, ter essas duas prendas e, além disso, ser pouco modestos, pois que o facto de concorrer implica a convicção de possuir as qualidades acima citadas, o que não é pequena basúlia. Mas vamos ao que importa.

**Concurso I**

**O leão e o incesto  
ou  
Os inconvenientes da bigamia**

Oldemiro Farrusca, empregado nas Companhias Reumidas Gaz e Electricidade, casou há cerca de vinte anos com D. Olegaria Pimenta, a quem ocasionou um filho com olhos azuis, que teve o nome de Raul. Passados alguns mezes, Oldemiro já citado apaixonou-se violentamente por D. Engracia Vilarinho, oriunda de família distinta, á qual—Engracia—conduziu á igreja em *coupe* de trintanario. Só depois de realizado o enlace e a meio do copo d'agua, Oldemiro se lembrou de que já era casado com D. Olegaria acima referida. Era um pouco tarde. D. Engracia, —uma impulsiva, aqui para nós—tinha tal empenho em ser mãe que o foi dali por três semanas duma menina robusta, a quem na pia baptismal foi posto o nome de Alzira.

Para distanciar a sua bigamia e viver em paz com suas esposas, Oldemiro valeu-se do emprego. A D. Olegaria explicou que, durante o dia, tinha de espertar os bicos que se acendiam á noite. E gastava os seus

dias com D. Engracia. A D. Engracia explicou que, durante a noite, tinha de contar os candieiros que teimavam em estar apagados. E gastava as suas noites com D. Olegaria.

Assim decorreram cerca de vinte anos. O menino Raul, a quem já se fez alusão anteriormente, está um homenzinho, como Vv. Ex.<sup>as</sup> podem calcular. A menina Alzira, fruto, como se disse, do segundo matrimonio, não lhe fica atrás.

Mas eis que—como dizia Ponsou da Terrail—uma noite, em casa de D. Olegaria, Oldemiro vê, no chão, uma carta dobrada. Desdobra-a e lê-a. É uma missiva de Alzira a Raul. Sem saberem que são irmãos, os dois encontraram-se na musca da

Avenida e amaram-se. Na carta que Oldemiro tem entre mãos, a sua filha—impulsiva como a mãe, aqui para nós—participa ao seu filho que está disposta a deixar-se raptar e, nessa noite, ao bater das duas, tomar o automovel que deve comparecer á esquina da rua.

Oldemiro perde a cabeça. São quasi uma e meia. O caso não permite delongas. É preciso evitar que aquelas crianças cometam tão grande leucura. Pega, pois, no chapéu e, mesmo em cuecas, sem se despedir da D. Olegaria, abala pela escada abaixo em direcção dos penates da D. Engracia.

Ao chegar, porém, ao patim do primeiro andar, o deventurado bigamo, que se não podia aguentar com pressa, tem a mais extravagante

te, a menos concebível das surpresas. Imaginem que vinha tranquilamente subindo a escada, em sentido contrário ao habitual...

**Que succedeu?**

É o tema deste primeiro concurso.

Juntamente com o seu texto, entreguei em carta lacrada, que ficou depositada no cofre da direcção do *sempre fixe*, o resto desta historia, palpitante, como se vê, de misterio e de interesse. Sob minha honra comprometo-me a não o revelar a ninguém, nem mesmo aos meus botões.

Os nossos leitores, que queriam mostrar a sua imaginação e o seu espírito, enviar-me-lhão as suas respostas até sabado, 22 do corrente, a fim de que o juri possa dar a sua opinião a tempo das soluções premiadas serem publicadas no nosso terceiro numero.

O primeiro premio será distribuido á solução que mais se aproximar da que se encontra lacrada e em deposito.

O segundo premio será distribuido á mais espirituosa das soluções, na opinião do juri.

Caso nenhuma solução se aproxime da solução official, os dois premios serão distribuidos ás duas respostas mais espirituosas.

No nosso proximo numero indicaremos a composição do juri e a natureza dos premios.

As respostas deverão não exceder quarenta linhas, ser assinadas, indicar a morada do concorrente e ter o seguinte endereço:

**sempre fixe**  
Rua da Rosa, 57 — LISBOA  
**Concurso do leão**

E, agora, meus caros leitores, ao trabalho!

**André Brun**



— Imagina, começa a chover uma chuva de vinho; e puzeram-me um quartel-chuva na boca...

# Vem brevemente a Lisboa

## uma selecção chinesa de "foot-hall,"



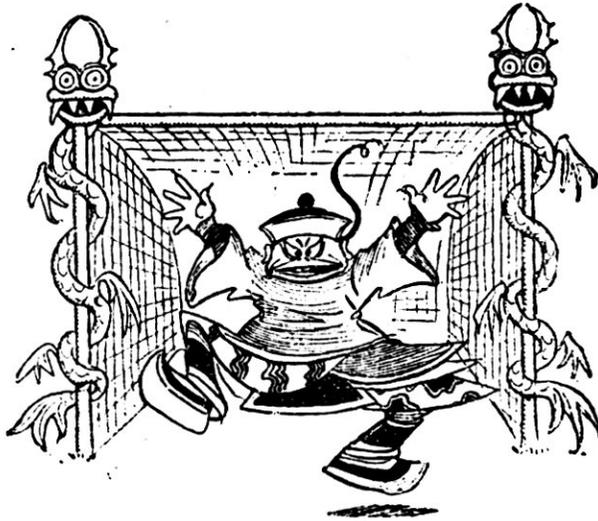
**Sing Kang**  
O grande "forward," do "Wai Ho Chee Foo."



**Tin-Ling**  
O famoso "half-back," do "Kuanci Club."



**Ni-Sik**  
"captain," do "Sport de Hongkew."



**Chung-Wung**  
O incomparavel e extraordinario "goal-keeper," do "Sport de Hongkew."



**Wun-Mi-Do**  
do "Club Recreativo de Chin-Cho."

Quando se ventilou a questão dos touros de morte (e *ventilou-se* tão bem que até foi um *ar* que lhe deu) houve quem lembrasse, depois de irrem a pedra as varias partes que mereciam ir aquela, a conveniencia de se ouvir a opinião dos interessados, — os touros, — que são, afinal, uns pobres enganados, como quaisquer outros, coitadinhos. Não ha duvida que se tem abusado da paciencia dos touros por tal forma que até se tem usado o rufano ou mengano tem paciencia de haste de touro lá porque um fulano qualquer lhes expropria a *menegada* da mulher sem que ele se zangue.

Claro que sempre concordamos com a consulta aos deputados das lezírias, mas o busillis era entendê-los, porque usam, lá uns com os outros, uma lingua de vaca que só eles entendem e que é mais difficil que o *esperanto*, uma lingua que, como o nome indica, é preciso ouvir e fiar depois a *esperança* uma grande meia hora para a entender.

O problema da consulta surgiu-nos de novo ao termos que dar aqui as impressões da ultima corrida do Grupo Pequeno, porque, ninguém duvidará, são os touros que sofrem as verdadeiras impressões duma corrida. E sentio que o digam as pessoas que tem sido picadas por um alfinete ou por ex-sabre de pelica. Ora se estas innocentes picadas causam impressões, que tal serão as impressões dos touros ao serem picados?

Foi nesta altura que encontramos o Xavier, que andou nos «Belizos» e está a ir para policia-lingua. O Xavier, coitado, com a paciencia que o caracteriza, lá se meteu com os electricos para o Grupo Pequeno e até pagou o bilhete, porque é das que anda em cima do pau.

Os touros do sr. Vitorino, que já estavam com a pata no estribo das picadas para nem tomar o comboio do Mercado Geral do Xavier, saíram com o rabo numa mosca que estava lá mesmo e deu-lhes a mosca para se deixarem envolverem pelo sr. interpretete, fazendo-se tocar-lhes como se não se faz nestas alturas.

Que pensam Vossas Excellencias da ultima sessão e da sua influencia na situação das vossas peles?

— Fu-lhe digo, meu amigo, muito que o touro grande que tinha cor de *magenta*, que é como na «Brasileira» chegou a uma grande café com leite. Fu-lhe a honra de me estreiar com um *colher* muito fino que se estroia.

# PROSA DE CHIA VELHO

## Impressões impressionantes dos chavelhudos impressionados na ultima corrida

va como profissional e, como sou amador das boas maneiras, simpatizei tanto com ele que me prestei de todas as maneiras a tudo quanto quiz de mim. Que linha, que distincção, que nobreza. Assim até dá gosto. Não me furtar a sacrificios para o satisfazer e lhe adiyinhar as ideias. Se alguma vez deixei de me pôr a geito foi para admirar uma coisa muito engraçada que fazem os seus semelhantes e nós não somos capazes, — levantarem-se sobre os quartos trazeiros e baterem com os cascos das mãos como se fossem maluquinhos. Mas, quando ouvia aquele senhor tão fino chamar delicadamente per mim, voltava-me logo e até pedia desculpa de estar de costas. E' verdade que ás vezes me fazia deer o corpo, picando-me com um alfinete espetado na ponta duma palito, mas a minha pele é dura e, enfim, os homens tem uns caprichos tão exquisitos!!

«Numa palavra: nunca esquecerei o meu deus aliz e a minha pena é não poder levar para a lezíria um daqueles cartazes com o busto dele e um *caru* tão sério que até parece estar dizendo: «Eu sou o Sr. D. Ruy Zareo da Camarala».

Corrida esta lebre, que é como quem diz corrido este touro corrido, voltou-se Xavier amigo para o outro touro lidado pelo illustre fidalgo. Este touro, como os leitores recordarão, distinguise por mugir, mesmo depois de recolhido, uma musica continua e prolongada. Mais que touro de leite, era touro de *diadora*. Em compasso de *de* por quatro, dois chifres por quatro patas, cantou tudo para fóra:

—A mim chamaram-me manso, mas foi intriga dos criticos. Eu queria que eles se vissem no momento critico da minha aparição no redondel, ao aparecer-me um rapaziinho louro a quem chamavam Felix. Que alegria

a do pequeno e que *moceira* a sua! Parecia que lhe tinha saído a sorte grande! Ora a verdade é que eu adoro as crianças, como tenho provado lambendo carinhosamente bezerrinhos para os quais não contribui e que bem podiam chamar pai a outro. E, claro, toda a minha atenção foi para o mudo. Só quando o cavaleiro, muito cavalheiro, me irritou a epidermo como quem convida para valsar é que eu percebi que tinha que começar a dança. E foi então que ao som da banda da praça, um *ajazz-band* mais safado que o harmonium do maioral das vacas, eu comeci *dox-troteando* atrás do cavaleiro, a fingir que queria fazer mal ao cavallo. E não me arrependo porque em duas marcas de dança obtive, para mim e para o meu valsista, tais aplausos que até o patrão Vitorino foi chamado pelo Manoel Costa dos cariazes, que é o melhor dos rapazes.

Como o do bumbo, o touro que tinha sido um bumbo numa festa, não engulisse o mugido ao bucho, fiz saber a Xavier que falava ouvir os touros do José Casimiro.

—Levamos as melhores impressões, declararam os dois em touro, quer dizer em córa. O Zé continua tal como contavam os nossos avós. Está cada vez melhor e não é des que muda de ideias como quem muda de cavallo. Não voltou a casaca nem o chapu de plumas. De vez em quando disfarçava cantando: «Eh lélé!» Mas nós bem percebiamos que ele queria cantar o Hino da Carta. Se não insistimos mais, que é como quem diz: — e não invejamos mais, foi por vermos que um dos cavalos era o do Napoleão e que o outro estava a pedir poeças.

Chegou a vez aos touros do «Salerio»:

—Nós, depois de ouvirmos ler um livro chamado «Olivença» o escrito por três senhoras de lunetas, resol-

vemos não dar sorte aos espanhóis. Quando o espada nos começou a bailar «sevillanas» com a capa, declaramos, batendo o fado corrido e puchando ao nacionalismo, que só lá iam com capote a alemtejana. Com a «muletta», se o agarramos, ficava em muletas para o rosto da vida. E se nos enganou, espetando-nos alguns pares de bandarilhas, foi porque prometeu nunca mais pescar nas nossas aguas territoriais.

Restavam apenas os dois marmelos que tocaram em rifa ao Agostinho, Plá Flores & C.A.

—O Coelho esperou-me a saída da toca, pregou-m'a e fugiu. O Flores espetou-me dois pares... e Plá!

—Pois cá a mim, mugiu o outro, apareceram-me duas cigarras, um raposo e uma cebola. Ora *cebolorior*!

O touro que ajudou o «Malagnon» a saltar a trincheira não disse nada mas deve-se estar a rir lá com as suas hastes, que é a massa de que se fazem os botões. Do «Angelillo» nenhum se queixou porque é muito boa pessoa.

A entrevista estava feita. Saimos dos curros. Cá fóra cahia a tarde, etc., como se escreve ao fechar as entrevistas, que, sendo escritas, deviam ser entrescritas.

Perez-Lachaise

102 gargalhadas em 3 horas!



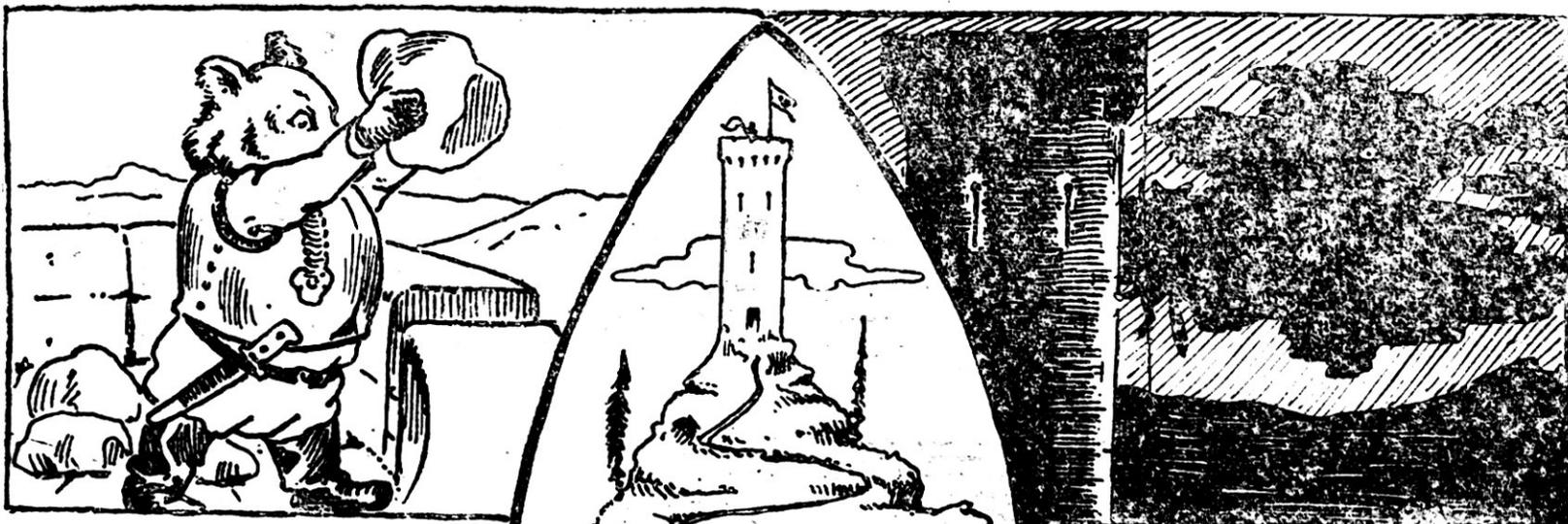
**TEATRO DA TRINDADE**  
Todas as noites  
**O Homem das 5 horas**

# PETIZ-JORNAL

## O TRAIADOR

Historieta desenhada e escrita

Por Carlos Ribeiro



O famigerado Ursolino, revoltado contra o Rei Leão, refugiara-se numa torre, no cume de inacessíveis rochedos, lançando enormes pedregulhos sobre as tropas que o cercavam.

O Chacal servia-lhe de lugar-tenente, tendo-se mostrado sempre um dedicado companheiro. Porém, pouco tempo depois, tomado pelo medo das represalias, tratou de se safar, aproveitando uma noite de tempestade...



vindo ter com o Leão: «Se me concederdes um lugar na vossa corte, farei que Ursolino venha cair morto aos pés de Vossa Magestade». Concluído o negocio, o Chacal regressou á torre e...



no dia seguinte, pela madrugada, enquanto o Urso dormia, tratou, com muito cuidado, de lhe prender um dos maiores pedregulhos a um dos pés. Em seguida...



fez o sinal que tinha combinado com o Leão. Imediatamente as tropas começaram saindo das torres e no campo fez-se um grande movimento. O Leão ordenou o assalto e os sapadores, apoiados pela infantaria, marcharam em direcção á torre, dispostos a atacá-la.

(Continua).

# A divida

de  
guerra  
à  
Inglaterra



Uma grande "espiga,"...

... e de muito "bago,"!